

2

Obscura

STANLEY MILGRAM E A OBEDIÊNCIA À AUTORIDADE

Em 1961, Stanley Milgram, um professor-assistente de psicologia de Yale de 27 anos de idade, queria estudar a obediência à autoridade. Num mundo pós-Holocausto, as pessoas lutavam para entender como tantos e tantos oficiais da SS tinham atirado, envenenado com gás, amarrado e de uma ou outra forma torturado 12 milhões de pessoas até a morte, supostamente sob as ordens de seus comandantes-em-chefe. A explicação geralmente aceita relacionava-se com a então popular noção da “personalidade autoritária”, que tinha como hipótese que certos tipos de experiências de estrita inclinação teutônica na infância produziam pessoas que, se instruídas, fariam qualquer coisa a alguém. Milgram, um psicólogo social, suspeitava que essa explicação era estreita demais. Ele supostamente acreditava que a resposta à obediência destrutiva estava menos no poder da personalidade e mais no poder da situação. Na visão de Milgram, qualquer situação especialmente convincente poderia fazer qualquer ser humano racional abandonar os preceitos morais e, sob ordens, cometer atrocidades. Para testar sua hipótese, Milgram pregou uma das mais colossais e horríveis peças da psicologia. Criou uma falsa, mas convincente, “máquina de choque”. Recrutou centenas de voluntários e lhes ordenou que aplicassem o que eles acreditavam fossem níveis letais de eletricidade em um ator que fingia dor e até morte. Até onde as pessoas iriam sob ordens? Que percentagem de civis comuns obedeceria às instruções dos experimentadores de dar choque? Que percentagem se rebelaria? Foi isso o que ele descobriu.

PARTE UM: O EXPERIMENTO

Possivelmente, você está atrasado. Está correndo por uma pequena rua lateral em New Haven, Connecticut. É junho de 1961 e à sua frente assomam as torres da Igreja Episcopal de Yale. As ruas cheiram a verão, a flores úmidas esmagadas e a frutas estragadas, e, talvez, por causa disso, você se sente um pouco enjoado. Por antecipação. Por causa do odor. Algo doce e queimado no ar.

Ou, talvez, você não esteja atrasado. Talvez você seja do tipo responsável, com minutos sobrando e, portanto, esteja perambulando; não existe lua porque está chovendo, uma chuva de verão lançando dardos prateados e oblíquos e fazendo as ruas terem um forte cheiro de águas sujas e cimento. Nesse cenário, também, você já se sente um pouco enjoado, por antecipação, embora, do quê, você não saiba dizer. Há aquele odor, de alguma coisa podre no ar.

Você está carregando o anúncio. Há apenas duas semanas, você o rasgou da página do jornal: “Pagaremos a Você US\$ 4,00 por Uma Hora do seu Tempo. Precisa-se de Pessoas para um Estudo de Memória.” E porque era Yale e por causa do dinheiro, suficiente para comprar um novo liquidificador para substituir aquele que virou sucata, e porque, bem, é tudo em nome da ciência, você disse sim. Agora, você está a caminho. Seu próprio caminho! As ruas laterais são tão... laterais; curvam-se e se inclinam, os tijolos se vergando, as ervas verdes se inserindo entre os paralelepípedos. Você tropeça. E se endireita. Você chega ao endereço – Linsly-Chittenden Hall –, uma porta cinza, e está para a abrir quando ela própria se abre e um homem vem do outro lado, o rosto todo vermelho – e poderia aquilo ser lágrimas correndo pela face? Ele sai apressadamente e mergulha nas sombras, e quanto a você, é sua vez. Você entra.

Antes de mais nada, você é pago. Você entra numa sala, que está em pior estado que a calçada que o levou até lá, as paredes descascando, os canos à mostra numa complexa malha no teto e um homem severo de jaleco branco que lhe dá três verdinhas de um dólar e

quatro moedas de 25 centavos, frias na palma da sua mão. Ele diz: “Aqui está sua recompensa. Você poderá ficar com ela, não importa o que aconteça.” O quê, você se pergunta, vai acontecer?

Outro homem entra na sala. Tem um rosto redondo, um sorriso bobo e um chapéu de palha inclinado para um lado sobre a cabeça. Tem olhos azuis, mas não é o gélido azul de inteligência, nem o da centáurea-azul de paixão; é um azul suave, lavado. Mesmo antes de tudo aquilo acontecer, você pensa: *Este homem não parece esperto*. O nome dele, diz ele, é Wallace alguma coisa. Oi, você diz, meu nome é Goldfarb, ou Wentworth – escolha um nome, qualquer nome servirá. Só se lembre, de qualquer forma, qualquer que seja o nome, que é você.

O pesquisador diz: “Estamos interessados em aprender sobre os efeitos da punição sobre o aprendizado. Há bem poucas pesquisas sistemáticas nesse assunto e esperamos que nossas descobertas venham a ser de alguma ajuda para os sistemas educacionais.” Ele diz: “Neste experimento, um de vocês será o aluno e receberá choques quando cometer um erro nos pares de palavras lidos a você, e o outro será o professor, que aplicará os choques quando a repetição do par de palavras estiver errada. Bem”, pergunta o pesquisador, “qual de vocês gostaria de ser o aluno, qual o professor?”

Você olha para – qual o nome dele? – Wallace. E Wallace dá de ombros. Você dá de ombros. O pesquisador diz: “Faremos um sorteio.” Ele segura dois pedaços de papel dobrado. Você escolhe um, Wallace escolhe um. Você abre o seu: “professor”, é o que diz. Graças a deus. Wallace diz rindo: “Parece que sou o aluno.”

O pesquisador faz um gesto para que você e Wallace o sigam. Vocês seguem. Descem por um corredor curto e escuro e entram numa sala que parece uma cela de prisão. “Sente-se nesta cadeira”, diz o pesquisador para Wallace, e Wallace o faz. Não é uma cadeira comum. É uma maldita cadeira elétrica, com uma placa de interruptores na mesa, correias e estranhas ventosas para colocar na pele. “Precisamos prendê-lo com as correias”, diz o pesquisador, querendo dizer prender Wallace com as correias; e subitamente

você está se curvando sobre este homenzarrão, afixando-o no assento como se ele fosse apenas um bebê, a pele dele, quando você a roça, surpreendentemente suave. O pesquisador pega uma lata de pasta e diz: “Esfregue isto nas mãos dele, para os eletrodos” e, antes que perceba, você está massageando graxa neste homem de carnes frouxas e se sente estranhamente mal e um pouco excitado, e o pesquisador diz: “Aperte aqueles cintos” e, portanto, você os aperta. Você unta e aperta, esticando as correias nos cintos pretos para que Wallace fique atrelado e todo coberto de fios, e logo antes de sair, você olha para ele, um homem capturado, seus olhos pálidos um pouco amedrontados, só uma pitada de medo, e você quer dizer, “Psss. Nada de ruim vai acontecer aqui.”

Nada de ruim vai acontecer aqui. Nada de ruim vai acontecer aqui. Você repete isso para você mesmo enquanto segue o pesquisador para fora de uma sala que parece uma cela e entra em outra que parece cela, onde não existe nenhuma cadeira elétrica, mas, em vez disso, um enorme gerador com botões que lembram moedinhas brilhantes, debaixo dos quais estão impressas as voltagens – 15, 30, 45, e subindo até 450. “Perigo, Choque Extremo, xxx”, está escrito nas alavancas mais altas. Jesus H. Cristo. Quem é *H*? Jesus tinha um nome do meio? Haley, Halifax, Huston? Você está começando a pensar seriamente sobre o nome do meio de Jesus; isso às vezes acontece com você – você pensa sobre a coisa errada para que não tenha que pensar sobre a coisa certa. Halifax. Haley. Huston. Enquanto isso, o pesquisador está dizendo: “Você lerá estas seqüências de palavras para Wallace pelo microfone. Para cada erro que ele cometer, você lhe dará um choque. Você começa no menor, 15, e vai subindo. Posso lhe dar um choque de amostra?”

Ah, claro, você sempre gostou de amostras, amostras de sorvete, amostras de tecido, amostras de xampu em miniatura nas farmácias; portanto, por que não uma pequena e doce amostra de choque? Você oferece o braço. Parece branco e mole nas luzes fluorescentes

do laboratório. Tem um braço feio, com pontos pretos onde os pelos saltam. O pesquisador desce uma espécie de aparelho dentado sobre a sua própria pele e você sente um par de dentes quentes, o beijo de uma raia. Você recua. “Isso foi 45 volts”, diz o pesquisador. “Só para você saber como é a punição.”

Tudo bem.

Você começa.

Lago, sorte, feno, sol. Árvore, gávia, riso, criança. Os pares de palavras têm uma espécie de poesia e agora você está feliz, todos aqueles lagos e gávias, e Wallace, cuja voz chega estalando até você através de um pequeno microfone, também parece feliz. “Continue mandando, cara!”, ele grita, e você lança para ele *chocolate, waffle, namorada, cupido*, e é quando ele comete seu primeiro erro. Ele esquece o cupido, infeliz no amor. Você dá o primeiro choque, só 15 volts, uma cosquinha travessa, nada com que se preocupar.

Mas aquele primeiro choque muda as coisas. Você simplesmente sabe. A voz de Wallace, ao repetir o par de palavras seguinte, é sóbria, séria, mas, maldito seja, ele comete outro erro! Você lhe dá 30 volts. Próxima tentativa, bom menino, ele consegue acertar e, então, acerta de novo. Você descobre que está torcendo por ele e, então, ele se atrapalha com *casa árvore*. Depois erra *dália* e *grama* e, sem se dar conta, você subiu até 115 volts; você assiste a seu dedo pousar no botão de apertar, a unha nacarada, o nó do dedo, que é a parte mais dura da mão. Você aperta. Pelo microfone chega o som de um grito. “Me deixem sair, me deixem sair! Já basta, me deixem sair daqui!”

Você começa a tremer. Sente as meias-luas úmidas sobre os braços. Vira em direção do pesquisador. “Certo”, você diz. “Acho que precisamos parar. Ele quer sair.”

“O experimento exige que você continue”, diz o rosto impassível.

“Mas ele quer sair!”, você diz. “Não podemos continuar se ele quer sair.”

“O experimento exige que você continue”, ele repete, como se você tivesse uma audição ruim, que você não tem, não tem! Sua audição é ótima, como também sua visão, vinte por vinte. Você tem o desejo absurdo de dizer a esse homem tudo sobre o seu imaculado cartão de saúde, seus excelentes olhos, suas boas notas na faculdade e sua recente promoção no trabalho. Você quer dizer ao Sr. Jaleco Branco que você é uma pessoa decente que sempre quis ajudar, que faria qualquer coisa para não decepcionar, mas que você sente muito, sente muito mesmo, mas não pode continuar o experimento, você odeia decepcionar mas...

“Por favor, continue”, diz ele.

Você pisca. Às vezes o sol fica piscando, nos dias em que as nuvens correm velozmente pelo céu. Esse é o melhor tipo de dia, céu azul vigoroso, nuvens tão brancas quanto ataduras, uma bandeira ondulante balançando na ponta do seu mastro. Você continua. Em algum lugar entre a nuvem e a bandeira, você se descobre continuando. Você não sabe por quê, você odeia decepcionar e esse pesquisador parece tão seguro de si mesmo e, enquanto continua, você se lembra como certa vez, quando era criança, teve um eclipse e o sol e a lua se fundiram num dourado e ardente minuto.

Wallace comete um erro. Comete três, quatro erros e, agora, você subiu até 150 volts e ele está berrando: “Tenho um problema no coração. Me deixem sair daqui! Não quero mais participar deste experimento”, e o pesquisador está em pé bem ao lado do “professor” dizendo: “Continue, por favor, os choques são dolorosos, mas não são nocivos. Não haverá nenhum dano tissular permanente.”

Você está lutando contra as lágrimas. Seu nome é Goldfarb, ou Winegarten ou Wentworth. Qual é seu nome? Você não tem muita certeza. “Mas ele tem um problema no coração”, você diz, você acha que diz ou seria apenas a sua mente sussurrando para si própria? “Não haverá nenhum dano tissular permanente”, ele repete e você grita: “Pelo amor de deus, e quanto a dano temporário?”, e ele diz: “O experimento exige que você continue”, e você diz, agora você está chorando, ou você está rindo agora, seu

estômago está rindo ri-ri-rá-rá enquanto os olhos estão cheios de lágrimas, você diz: “Por que a gente não entra lá e dá uma examinada nele? Vamos só ver se ele está mesmo bem”, e o Sr. Jaleco Branco balança a cabeça, você ouve os ossos estalarem no pescoço – clic-clic, não, não, continue, você toca seu próprio pescoço e está chocado, sem trocadilho intencional, você está chocado de sentir o quanto é escorregadia a umidade, do suor, e também quão estranhamente sem osso é; você aperta e aperta, mas não consegue encontrar nenhuma sustentação no seu pescoço. Esse pesquisador é médico? “Você é médico?”, você pergunta. “Está convencido de que não haverá nenhum dano tissular permanente?” Ele parece tão seguro de si próprio, exatamente como um médico, o que você não é, mesmo que você tenha tirado boas notas na escola, ele sabe o que está fazendo. Você, não. Ele usa um jaleco branco. Portanto, você continua subindo a escada de alavancas, lendo os pares de palavras e algo estranho aconteceu a você. Você se concentra inteiramente no seu trabalho. Lê cada par de palavras cuidadosamente, aperta as alavancas como um piloto no seu painel. Seu campo de visão se estreita até a mecânica à mão. Você está voando para dentro de alguma coisa. Está voando através de alguma coisa, mas o que é, você não sabe dizer. Você tem um trabalho a fazer. Não se trata do céu lá fora. Não se trata de sol, ossos, piscadelas, bandeiras. Você tem um trabalho a fazer e, portanto, o corpo desaparece, Wallace desaparece e, no lugar dele, uma máquina lampejando.

Em 315 volts, Wallace dá um último grito de gelar o sangue e, então, pára. Cai em silêncio. Em 345 volts, você vira em direção ao pesquisador. Você se sente muito estranho. Sente-se vazio, e o pesquisador, quando fala, parece encher você com o ar dele. “Considere o silêncio uma resposta errada”, diz ele e isso parece tão engraçado que você começa a desprezar e a rir. Você só ri sem parar e aperta aquelas alavancas porque não existe nenhuma saída, nenhuma maneira de dizer: “Não! Não! Não!” Na sua cabeça, você pode dizê-las, mas, nas mãos, não consegue e agora você entende quanto é grande a distância entre a cabeça e as mãos – são milhas de tundra intacta.

Com a cabeça, você diz não e, com as mãos, sapateia para cima e para baixo do painel de choques, nas palavras e ao redor delas – *saia, fardo, chão, redemoinho; ganso, pena, cobertor, estrela* –, e durante todo o tempo existe apenas esse sinistro silêncio pontuado por chiados de frigideira elétrica, e sem homem. Não existe homem aqui.

É como despertar. É como cair no sono e sonhar com gávias e tubarões e depois acordar e toda a coisa está acabada. O pesquisador diz: “Podemos parar agora”, e passando pela porta vem Wallace, o chapéu ainda de lado sobre a cabeça, nem um cabelo fora do lugar. Ele parece bem. “Cara, você realmente me chocou lá”, diz ele, “mas não guardo rancor”. Ele sacode a sua mão. “Uau”, diz ele, “você está suando. Calma. Deus do céu, sou conhecido por fazer drama, mas estou bem” e o pesquisador ecoa: “Wallace está muito bem. Os choques não foram tão ruins como pareceram. O perigo, o nível letal, isso é só para animais pequenos de laboratório, que é para o que geralmente usamos o gerador.”

Ah, você pensa.

Wallace sai. Um homem pequeno e ágil chamado Milgram entra na sala e diz: “Você se importaria se lhe fizesse algumas perguntas?” Então, ele lhe mostra a fotografia de um aluno sendo açoitado e esmiúça seu nível de instrução, se já esteve no Exército, qual a sua religião, e você está muito entorpecido – você responde a tudo – e está muito confuso. Então o gerador de choque foi montado para camundongos, não homens? Você é um rato ou um homem? Se Wallace realmente não foi machucado, então por que ele gritou tão alto? Por que berrou sobre o coração? Você sabe sobre corações. Sabe sobre ossos e sangue que acontece de você ter nas suas mãos. Uma fúria se irrompe. Você olha para este lépido e pequeno Milgram e diz: “Sauei. Não tinha nada a ver com aprendizado. Era um experimento sobre obediência, obediência à autoridade”, e Milgram, que tem apenas 27 anos de idade e é terrivelmente jovem para estar sendo o pioneiro de uma montagem tão controversa,

prejudicial, elucidativa e finalmente famosa, se dirige a você. Ele tem olhos verdes, a cor de pirulitos, e a boca é uma pequena garatujinha vermelha. “Isto era sobre obediência”, você repete, e Milgram diz: “Sim, era. Se você não tivesse adivinhado, eu teria lhe contado mais tarde, numa carta padronizada que envio aos meus objetos de pesquisa humanos. Sessenta e cinco por cento dos meus objetos humanos se comportaram exatamente como você o fez. É inteiramente normal que uma pessoa faça as escolhas que você fez na situação na qual colocamos você. Não há nenhum motivo para você se sentir mal com isso.” Mas você, você não será envolvido nem tranquilizado. Ele o fez de bobo uma vez, mas não o fará de bobo duas vezes. Não existem palavras tranquilizadoras para aquilo que ficou sabendo neste laboratório esta noite. *Lago. Gávia. Cisne. Canto.* Você ficou sabendo que tem sangue nas mãos. É um corpo construído pelas palavras de outros homens.

Outros homens. Talvez aquele do outro lado da rua ou na casa vizinha, mas não você. É isto o que *você*, leitor, poderá estar pensando. Se *você* tivesse tido a ultrajante sorte de se ver no Linsly-Chittenden Hall na Universidade de Yale numa límpida noite de junho de 1961, *você* não teria feito tal coisa. Seu nome, afinal das contas, não é Goldfarb, Winegarten ou Wentworth. Talvez você seja um budista. Um vegetariano. Um voluntário em hospício. Você trabalha com jovens problemáticos, doa dinheiro para o Club Sierra ou cultiva a mais surpreendente mil-flores, ramos rosa-arroxeados de flores em miniatura num jardim municipal. Não você. Mas, sim, *você*. Porque Stanley Milgram provou que é verdadeiro, em Linsly-Chittenden Hall e, mais tarde, num laboratório em Bridgeport, e ainda mais uma vez em repetições em todo o mundo. Sessenta e dois por cento a 65% de nós, quando confrontados com uma autoridade verossímil, seguiremos ordens até o ponto de machucar letalmente uma pessoa.

Isso parece improvável, impossível, especialmente porque você é – eu sou – um humanista de coração.

Os objetos de pesquisa dele também eram, muitos deles.

“Sou um bom trabalhador. Sustento minha família... A única coisa ruim em mim é que fico preso ao meu trabalho – prometo às crianças fazer alguma coisa, levá-las para algum lugar e, depois, tenho que cancelar porque fui chamado para um trabalho.”

“Gosto do meu trabalho. Tenho uma família alegre, três filhos... Gosto de plantar flores em meu quintal. Gosto de cultivar um jardim de hortaliças, principalmente porque gosto de hortaliças frescas.”

Essas autodescrições foram dadas por dois dos indivíduos de Milgram inteiramente obedientes depois do teste. Hortaliças frescas. Flores. Aquelas mil-flores rosa-arroxeadas nos nossos jardins.

Antes de começar seu experimento, Stanley Milgram, professor-assistente em Yale, fez uma pesquisa de opinião. Perguntou a um grupo de psiquiatras eminentes como eles achavam que as pessoas se comportariam nessa situação simulada. Também entrevistou estudantes universitários de Yale e um punhado de pessoas comuns de New Haven. Todos apresentaram a mesma previsão. As pessoas não aplicariam os choques até o fim. Elas parariam em 150 volts, no máximo, exceto por aqueles criptossádicos nos extremos psicológicos, que usariam todas as alavancas à medida que a vítima gritasse. Mesmo hoje, quarenta anos depois que a lição de Milgram foi supostamente aprendida, as pessoas ainda dizem: “Não eu.”

Sim, você.

O poder dos experimentos de Milgram está, talvez, bem aqui, na grande lacuna entre aquilo que pensamos de nós mesmos e quem realmente somos.

Certamente Milgram não foi o primeiro psicólogo a fazer experimentos com obediência, nem o primeiro a enganar seus objetos de pesquisa humanos (a máquina de choques foi uma fraude total, o aluno e o pesquisador eram atores pagos que Milgram tinha contratado para fazer o trabalho), mas ele foi o primeiro a fazer ambas

as coisas sistematicamente. Entretanto, antes de Milgram, houve um misterioso pesquisador de nome C. Landis, que em um laboratório sem nome em Gales, em 1924, descobriu que 71% dos seus objetos humanos de pesquisa estavam dispostos a decapitar um rato mediante insistência do pesquisador. Em 1944, um psicólogo chamado Daniel Frank percebeu que poderia conseguir que seus objetos de pesquisa realizassem os mais estranhos atos apenas porque ele usava o jaleco branco quando fez o pedido: “Por favor, fique ereto sobre sua cabeça”, “Por favor, caminhe para trás com um olho fechado”, “Por favor, toque a sua língua na janela.”

É improvável que Milgram tenha sido influenciado por esses lampejos periféricos de pesquisa. Por um lado, Milgram, que aspirava a tornar-se cientista político, não tinha feito um único curso de psicologia em seus quatro anos de graduação no Queens College e, portanto, não estava de forma alguma familiarizado com a literatura do campo. Por outro, Milgram, um pequeno homem volúvel, deu crédito onde crédito era devido. Ele aponta o cientista social Solomon Asch como o homem que o fez, se é que algum homem pode fazer o outro. Durante a graduação, Milgram trabalhou como assistente de pesquisa de Asch em Princeton. Asch estava trabalhando arduamente num experimento que envolvia pressão de grupo. Em um estudo usando linhas de diferentes comprimentos, Asch descobriu que os indivíduos de seu experimento capitulariam às percepções do grupo e, portanto, se o grupo dissesse que a linha A era claramente mais comprida que a linha B, mesmo quando era óbvio que não era, o indivíduo desnordeado também diria o mesmo, abandonando suas próprias crenças numa tentativa de se adaptar.

Naquela época, e ainda agora, Asch foi um gigante na pesquisa de ciências sociais, mas Milgram, polegadas mais baixo que ele e menor em estatura em todas as outras maneiras, logo suplantaria seu mentor. Milgram admirava Asch. Mas linhas, bem, linhas careciam do poder lírico, e Milgram, assim como Skinner, era poeta de coração. Escreveu libretos e contos para crianças, citava Keats e Rilke. Por ter visto o pai morrer aos 51 anos de idade, vítima de

insuficiência cardíaca, sempre acreditou que também morreria cedo e, portanto, fora dotado de uma luz brilhante. “Quando nos casamos”, diz sua viúva Alexandra Milgram, “Stanley me disse que não passaria dos 51 anos, porque ele era exatamente como o pai. Ele sempre teve a percepção de que seu futuro era bem curto. Então, quando Stanley desenvolveu problemas cardíacos na casa dos 30, ele soube, ambos soubemos que seus dias estavam contados.”

Talvez tenha sido por esse motivo que ele não quis linhas, algo reto e estreito. Quis inventar um experimento que lançaria tal incandescência, ou obscuridade, sobre a Terra, que deixaria algumas coisas fervendo durante muito muito tempo. Quis algo imenso com coração. “Eu estava tentando pensar em uma maneira de tornar o experimento de conformidade de Asch mais humanamente significativo”, disse ele numa entrevista à *Psychology Today*. “Estava insatisfeito com o teste de conformidade ser julgamentos sobre *linhas*. Perguntava a mim mesmo se os grupos poderiam pressionar uma pessoa a realizar um ato cuja transcendência humana fosse mais prontamente evidente, talvez comportar-se de forma agressiva com outra pessoa, digamos pela aplicação de choques intensos dela.”

Milgram não era alheio a choques. Mesmo antes de ter visto o pai morrer, conhecia o medo. Tinha passado seus anos de infância na parte sul de Bronx, onde flores silvestres cresciam nas sarjetas e baratas corriam pelo linóleo. Na sala de estar da família, pesadas cortinas impediam a luz do sol e o rádio era uma caixa grande, com um pedaço de vidro de bolhas protegendo o bloco de canais. Milgram era fascinado por aquele rádio. Era fascinado pelos minúsculos poros de plástico, seus botões serrilhados que moviam a vara branca para cá e para lá, agora tinha música, agora risos, agora choro, agora valsas – tantos sons, mas tudo se resumia nisto: era 1939 e Stanley tinha 6 anos de idade. Era 1942 e ele estava exatamente no ápice de um certo tipo de aprofundamento. Pelo rádio, que a família ouvia todos os dias porque eles tinham parentes na Europa, vieram as notícias de mortes e os sons da SS e pás em concreto quente. Cresceu e entrou na adolescência com isso

Milgram!

como sua música de fundo – bombas e queimaduras –, e, enquanto isso, seu corpo estava fazendo suas próprias detonações. Muito confuso: sexo e terror. Só podemos imaginar; isso não está dito em nenhum lugar.

Em 1960, Milgram deixou Princeton e seu mentor Asch para assumir o cargo de professor-assistente em Yale. Logo depois de sua nomeação, começou a enviar relatórios de orçamentos para interruptores e eletrodos; nos arquivos de Yale estão os documentos e anotações datados daquela época na caligrafia de Milgram: “cabo de áudio através do teto... faíscas, procedimento prático de aplicação de eletrodo. James Justin McDonough, vítima excelente, vítima A+, perfeito como vítima, conciliatório e submisso”. Lendo essas notas, é difícil evitar a sensação de que Milgram era em parte travesso, um pequeno duende judeu, sua ciência mergulhada em piada. De fato, Milgram tinha um aguçado senso de comédia e pode ser que ele, mais que qualquer outro cientista, tenha nos demonstrado o quanto é pequeno o espaço entre arte e experimento, entre humor e impiedade, entre trabalho e diversão. “Stanley adorava, ADORAVA o que fazia”, diz a Sra. Milgram. Como poderia não gostar? Ele costumava endereçar cartas, jogá-las nas calçadas da cidade de Nova York e depois observar quem as apanharia, quem as colocaria no correio, como e por quê. Ele desenvolveu uma técnica chamada “intromissão na fila”, uma espécie de guerrilha de ciências sociais, em que Stanley saltava de um lugar escondido e se atirava feito flecha numa fila, enquanto observava o tempo todo as reações daqueles na frente dos quais ele tinha furado a fila. Ele saía num dia azul brilhante, apontava para o céu e cronometrava quanto tempo levava para juntar uma multidão de pessoas, todas as quais ficavam de pé lá, fitando o nada. Era engenhoso, subversivo, absurdo. Mas ao contrário de Sartre ou Beckett, Milgram mediu o absurdo. “Ele o engarrafou”, diz o professor de psicologia Lee Ross, da Universidade de Stanford. “Engarrafou comportamentos

absurdos em seu laboratório para que pudéssemos vê-los. Estudá-los. É isso que faz dele... ele.”

Portanto Milgram fez encomendas de eletrodos, trinta interruptores, cintos pretos e equipamento de áudio – todos os acessórios para a perigosa peça que estava prestes a encenar, a peça que, bem literalmente, sacudiria o mundo e colocaria tal mácula em sua carreira que ele nunca se recuperaria inteiramente. Ele começou com estudantes de Yale e, para sua grande surpresa, cada um deles – “yalies”, segundo Milgram – obedeceu, subindo pelo painel de controle e alegremente dando choques. Sua mulher Alexandra me contou que ele disse: “Não podemos tirar nenhuma conclusão dos yalies.”

Diz a Sra. Milgram: “Stanley tinha certeza de que, se ele fosse para fora da comunidade universitária, obteria uma amostra mais representativa e mais provocativa” e, portanto, ele o fez. Milgram colocou um anúncio no *New Haven Register*, um anúncio convocando homens fisicamente aptos, entre 20 e 50 anos de idade, “operários de fábrica, trabalhadores qualificados, profissionais, cozinheiros”. Ele recrutou um jovem, Alan Elms, então estudante de graduação em Yale, para ajudá-lo a encontrar e manter um suprimento contínuo de voluntários. Elms, que tem agora 67 anos de idade e leciona na Universidade de Davis, lembra-se claramente de seu trabalho com Milgram. A voz de Elms é lenta, cansada. Não consigo deixar de pensar que é a voz de um homem que recebeu, ele próprio, um choque, que viu algo ruim. Pergunto-lhe se está feliz de ter estado lá: “Ah sim”, diz Elms. Ele suspira. “Foi uma coisa muito, muito poderosa. Não é algo de que você se esqueça.” Faz uma pausa. “Nunca me arrependerei de ter participado.”

E assim começaram os experimentos, naquele verão de 1961, o verão de temperatura anormalmente quente, de uma infestação de morcegos no campanário da igreja, o verão em que você tropeçou nas ruas laterais, o anúncio agarrado na mão. Tudo contabilizado, Milgram recrutou, com a ajuda de Elms, mais de cem homens de

Milgram

New Haven. Ele os testou quase sempre à noite. Isso deu à coisa toda um ar macabro, o que não era necessário, pois havia os gritos simulados e crânios no gerador. Milgram alertou a polícia da área: vocês poderão ouvir pessoas sendo torturadas. Não é de verdade. É uma encenação.

Uma encenação, aparentemente, que foi bem convincente aos objetos humanos de pesquisa, que suaram e se expuseram ao constrangimento no curso das estocadas do pesquisador. Muitos ficaram visivelmente perturbados quando receberam a ordem de continuar administrando os choques; um deles teve uma convulsão tão intensa de gargalhadas que o experimento teve de ser interrompido. Gargalhadas? Por que gargalhadas? O estranho era que havia muitas gargalhadas correndo soltas, havia muitos risos grosseiros e explosões de dor de barriga. Alguns disseram que a gargalhada indica que todo mundo sabia que Milgram, o Travesso, tinha atacado de novo, que isso era apenas uma piada frívola. Alguns dizem que seus objetos humanos de pesquisa estavam rindo *dele*, um truque tão óbvio. Elms discorda: “As pessoas estavam rindo por causa da ansiedade. Nós, Milgram e eu, estávamos rindo de desconforto.” Milgram e Elms observavam os objetos humanos atrás de um espelho unidirecional, e no intervalo entre as filmagens da incrível obediência que eles próprios não poderiam ter previsto, esfregavam os olhos com lenços, pois alguma coisa aqui era horrível, e terrivelmente engraçada.

Que os estudiosos e escritores usem o riso presente durante o experimento como um sinal de sua frivolidade essencial revela pouco sobre o experimento e muito sobre as noções bem simplistas que temos com referência à comédia, tragédia e as conexões entre as duas. Comédia e tragédia estão irremediavelmente entrelaçadas, em sinais, em símbolos, em etimologia. O próprio Milgram gargalhou num certo momento e disse em outro que o que ele tinha descoberto era “aterrorizante e deprimente”. Alexandra Milgram conta: “Os resultados, que ele NÃO esperava fossem tão altos, o tornaram cínico com as pessoas.” Claro que sim. Milgram

esperava obediência, mas não um índice estarrecedor de 65% de objetos humanos dispostos a aplicar aquilo que acreditavam ser choques letais. Não, ele não esperava isso. Numa tentativa de persuadir seus objetos humanos usando desafios maiores, ele variou as condições. Ele transferiu o aluno para a sala com o objeto humano, removeu o microfone e fez o objeto humano aplicar os choques forçando a mão do aluno contra uma placa metálica. A obediência, então, de fato caiu, mas não muito. Aterrorizante. Deprimente, sim. Trinta por cento dos objetos humanos estavam dispostos a repetidas vezes bater a mão do aluno sobre a placa de choque, resistir ao som dos seus gritos e vê-lo cair repentinamente, tudo sob ordens do pesquisador.

O experimento de Milgram foi financiado pela Fundação Nacional da Ciência. O dinheiro chegou em junho. Julho e agosto passaram num crepitar de faíscas azuis. Em setembro, apenas três meses no experimento, Milgram escreveu a seus financiadores, contando-lhes dos seus resultados: “Num momento de ingenuidade há algum tempo, certa vez especulei se, em todos os Estados Unidos, um governo corrupto conseguiria encontrar imbecis morais suficientes para satisfazer as necessidades pessoais de um sistema nacional de campos de morte, daquela espécie que foram mantidos na Alemanha. Começo agora a achar que todo o contingente poderia ser recrutado em New Haven.”

Imagine como deve ter sido para Milgram, à medida que ia fazendo essas descobertas. Ficava acordado à noite? Tocava os rostos de seus filhos e sentia como não eram assim macios, a borda saliente das maçãs do rosto da sua filha, os dentinhos brancos? As ruas normais de New Haven eram sombrias e se curvavam? A descoberta de Milgram não foi que as pessoas se machucarão e se matarão umas às outras; sempre soubemos que isso era verdadeiro. A descoberta de Milgram foi que as pessoas o farão na ausência de agressão; ele desvinculou assassinato da fúria, pois seus objetos humanos não eram irritados; eram pessoas boas e calmas com mil-flores em seus jardins e crianças nos berços.

Milgram era um psicólogo social, o que significa que ele tinha de entender seus achados principalmente em termos da situação, pois é esse o toque de clarim da psicologia social. Aos olhos da psicologia social, personalidade – *quem você é* – importa menos que lugar – *onde você está* –, e Milgram disse que estava demonstrando isso: como qualquer pessoa normal pode se tornar um assassino se se descobrir num lugar onde matar é uma necessidade. Ele usou seus experimentos, em maior ou menor grau ao longo dos anos, para explicar o espantoso comportamento em My Lai no Vietnã, e na Alemanha nazista, onde seu trabalho está irremediavelmente atrelado à tese de Hannah Arendt sobre a banalidade da maldade, o burocrático Eichmann seguindo ordens cegamente, impelido por forças externas a ele. Hoje, anos e anos depois do experimento de Milgram, psicólogos sociais ainda tocam esse sino, proclamando que o que importa é o contexto, não a psique. Diz Lee Ross, coautor de *The Person and the Situation: Perspectives of Social Psychology*: “Eu não diria que não existam atributos estáveis de caráter numa pessoa que contribuam para o comportamento moral ou imoral, mas eles são superados de longe por onde a pessoa está e, naquele momento, com quem.” Em outras palavras, Ross e seus colegas afirmam que nossos comportamentos não resultam tanto de um conjunto estável de preferências ou crenças internalizadas, mas antes das influências externas que mudam, como o vento e as condições climáticas.

Mesmo tendo Milgram se restringido a essa visão geral do mundo, ainda assim, numa inspeção mais detalhada, existem questões técnicas que sugerem que ele não tinha tanta certeza assim. Por exemplo, se ele acreditava que era somente, ou principalmente, a situação que impelia seus voluntários, então por que ele aplicou um teste de personalidade ao fim de cada sessão de choque? Por que coligiu dados sobre educação, religião, serviço militar e gênero? Por que mais tarde, quando professor da Faculdade Municipal de Nova York, orientou uma tese de doutorado que tomou como seu tema os traços individuais de personalidade dos não-conformistas,

de uma jovem Sharon Presley? Alguma coisa no tema deve tê-lo interessado.

Não muito depois dos primeiros experimentos, Milgram e Elms realizaram uma busca de traços de personalidade que se correlacionassem com o comportamento obediente ou desafiador. Estudaram seus objetos humanos, esmiuçando suas vidas e psiques em busca de indícios sobre quem fez o que e por quê. Isto, entenda, é algo proibido no campo da psicologia social. Ross grunhe e fala com desdém: “É coisa de personalidade e não FAZEMOS isso. Milgram NÃO FEZ isso.” Mas ele fez. Foi com Elms e avaliou homens individuais e escreveu um artigo ou dois. E só poderia ter feito isso porque sabia que a situação não era um fator explicativo total. Olha, se tivesse sido, se Milgram tivesse criado uma situação tão inteiramente abrangente e solidamente persuasiva, então poderia ter atingido 100% de obediência. Mas ele obteve 65%, o que significa que 35% desafiaram o pesquisador e a situação. Por quê? POR QUÊ? A esta pergunta nenhum psicólogo social pode responder. É nessa conjuntura crítica que a psicologia social desmorona. Ela pode lhe dizer sobre o comportamento agregado, mas pode não lhe dizer nada sobre os que dizem não, as exóticas gavinhas que se enroscam na estrutura principal e fazem germinar algo estranho. Aqui, Milgram idealizou um estudo no qual 35% das suas plantas, para ampliar a metáfora, nasceram cor-de-carmim, híbridas – não foi o solo; deve ter sido alguma coisa na semente.

Em meados dos anos 1960, Milgram e Elms chamaram os objetos humanos para voltar ao laboratório e aplicaram baterias de testes de personalidade. Um deles se chamava Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota [MMPI, *Minnesota Multiphasic Personality Inventory*], e outro, Teste de Apercepção Temática. Elms fez longas entrevistas *tête-à-tête*, perguntando aos sujeitos obedientes e desafiadores sobre suas infâncias, suas relações com as mães e pais, suas memórias mais antigas. Eles descobriram muito pouco.

“Os católicos foram mais obedientes que os judeus. Descobrimos isso”, Elms me conta. “E quanto maior a experiência militar, mais

obediente. Também descobrimos que os voluntários desafiadores tiveram medidas maiores na escala de responsabilidade social do MMPI, mas”, Elms suspira, “a escala supostamente mede não apenas uma maior preocupação com questões sociais e morais, mas também uma tendência para a obediência e aquiescência; portanto, o que aprendemos disso? Não muito? Isso poderia descrever tanto um sujeito obediente como um desafiador.”

Foi muito difícil para Elms e Milgram encontrarem quaisquer traços de personalidade sistemáticos na comparação entre sujeitos desafiadores e obedientes. De fato, verificaram que os sujeitos obedientes relataram ter sido menos próximos de seus pais na infância que os desafiadores. Descobriram que os obedientes, quando crianças, recebiam palmadas ou bem pouca punição, enquanto os desafiadores tinham sido punidos com espancamentos severos ou por algum tipo de privação – jantar, talvez. Ligeiramente mais obedientes tinham servido em dever militar ativo. A maioria dos obedientes nas forças armadas admitiu ter atirado contra homens; a maioria dos desafiadores o negou.

Ao olhar para tais informações, o que você obtém? Não muito. Um desafiador é surrado, um obediente recebe palmadas. Um desafiador é íntimo do seu pai; um obediente, distante. Um desafiador consegue pontuações altas numa escala de responsabilidade social que mede, entre outras coisas, aquiescência. Ou a escala está errada, ou o desafiador e o obediente têm tantos fios neles que não conseguimos separá-los claramente.

Eu quero separar. Lembro claramente da primeira vez em que ouvi sobre os experimentos de Milgram. Estava na Universidade de Brandeis, onde fiz meu trabalho de graduação. Estava sentada na grama num dia de maio e todas as cerejeiras estavam em flor, pétalas do mais pálido e membranoso rosa. Estávamos tendo aula no ar da primavera e o professor de sociologia dizia: “E, assim, eles receberam choques seguidamente”, e um calafrio passou por mim,

porque reconheci a situação. Soube intuitivamente, imediatamente, que eu o teria feito, alma obediente que sou. Entendia perfeitamente como você se vê presa numa situação, como perde seus próprios olhos, sua própria mente, como você se esvazia e simplesmente obedece, obedece, porque, de qualquer forma, quem é você? Lembro de olhar para minhas mãos e, então, para o gramado, com as cerejeiras todas alvoroçadas acima. Minhas mãos são como as suas, três linhas da vida e diminutas hachuras, e eu disse a mim mesma: “O que eu precisaria ter dentro de mim para desobedecer?” Nessa época, eu era magra, os quadris em forma, os olhos brilhantes. Fiz o que pude para me enquadrar. Sempre faço. Zap-zap. Queria saber o que seria necessário para me fazer mudar, crescer, subir, me afastar, uma exótica gavinha se enroscando na estrutura principal, não. *Não*. Uma palavra tão simples. Tão difícil de manter na boca.

Isso aconteceu anos atrás, mas ainda hoje quero entender. Elms me diz pelo telefone: “Não encontramos nenhum traço estável de personalidade nem nos obedientes nem nos desafiadores.” Pergunto se existe algum indivíduo dos experimentos de Milgram com quem eu possa conversar, qualquer um que ainda esteja vivo, e Elms responde: “Os arquivos estão lacrados até 2075. Os nomes são confidenciais.”

Posso ser obediente, mas isso não me impede de ser intrometida. Telefonei para uma pessoa, para outra, que me levou para esta e aquela. As semanas passaram. Telefonei para padres, rabinos e os estudiosos de Milgram e li, durante a procura, em alguma referência que não consigo situar, que um dos voluntários desafiadores de Milgram mais tarde apareceu em My Lai e se recusou a atirar. Imaginei esse homem, agora com 60, 70 anos de idade, vivendo numa casa simples, limpa, com potes de manjeriço na porta da frente. Tinha de conhecê-lo.

Ele telefonou.

PARTE DOIS: AS PESSOAS

Nunca vi o manjeriço. Nunca vi sua casa. E verifico que não era o meu homem de My Lai. Mas ele esteve, este Joshua Chaffin, de 78 anos de idade, nos experimentos de Milgram há muito tempo e foi, ele me garante, desafiador. A primeira coisa que me diz pelo telefone é:

– É, estive lá. Estive naquele laboratório e só fui até 150 volts. Se tivesse ido mais alto, não estaria conversando com você agora. Isso seria entre mim e meu psiquiatra.

Um sujeito humano desafiador e que fazia graça com aquilo! Mesmo antes de conhecer Joshua pessoalmente, posso dizer que ele é afável, um verdadeiro anjo, sua voz com uma ligeira cadência iídiche, seus olhos, que só posso imaginar, de um suave e doce cinza.

Joshua me mantém ao telefone por muito muito tempo. É como se estivesse esperando que um repórter telefonasse e lhe perguntasse sobre seu fatídico papel, há muito tempo, naqueles experimentos, agora caluniados. Ele diz:

– Vocês, os jovens de hoje, não podem avaliar quanto a situação era convincente. Não duvidei nem por um momento sequer. Nunca passou pela minha cabeça que fosse um logro. O gerador tinha uma placa dourada que dizia “Fabricado em Waltham, Massachusetts”, que é exatamente o tipo de lugar que um equipamento como aquele seria fabricado, se é que você entende o que quero dizer. E se você acha que a obediência teve a ver com Yale, por exemplo, com o prestígio de Yale, pense de novo, porque Milgram transferiu toda a sua encenação para a entrada de uma loja em Bridgeport, e as pessoas ainda assim deram choques. Eu dei choques. Me sinto mal com isso. Dei choques, mas só fui até 150, parei em 150.

Ele continua a repetir isso, como que para se tranquilizar, e é estranho como a coisa toda está fresca na cabeça dele – o laboratório, as oscilações azuis das faíscas, os gritos do aluno, tudo perfeitamente preservado no frasco do corpo desse velho. Ele envelhece; o experimento permanece parado no tempo.

Combinamos um encontro. Ele vive, ainda, em New Haven, e muitos dias caminha perto de Linsly-Chittenden Hall. Às vezes, desce até o porão, onde tudo aconteceu.

– Era uma grande bagunça naquela época – diz Joshua –, mas consigo ver a cena perfeitamente como era, esta porta cinza e os canos. Canos em todos os lugares.

Vou até lá para vê-lo num lindo dia de verão. O ar e o céu estão incrivelmente suaves, e os gritos das gaiotas têm um som muito triste. New Haven parece desabitada, esvaziada dos estudantes universitários, mas com colchões e pilhas de baús espalhados pelas calçadas se desfazendo.

Encontramo-nos num restaurante. Lá fora, a luz é brilhante e cegante. E, então, há uma dose de penumbra do interior, onde as velas bruxuleiam nas mesas secas numa noite perpétua. Todo mundo aqui é velho e está comendo peixe. Joshua, que se descreveu para mim, me aguarda numa mesa bem no fundo, onde os guardanapos estão dobrados na forma de cisnes. Eu me sento.

Nossa comida chega. Joshua garfa um pedaço de peixe empanado, estala-o na boca e mastiga vigorosamente.

– Eu era professor-assistente de estudos ambientais, vi esse anúncio e pensei, por que não? Naquela época, quatro dólares era uma soma substancial e eu precisava do dinheiro. Então, fiz isso.

Continuando, ele me conta em que consistia o “isso”, a história que já conhecemos – como ele esfregou a pasta de eletrodo na pele do aluno, como ouviu o primeiro grunhido de dor em algum ponto perto de 75 volts, como os grunhidos ficaram mais altos, como o grito era agudo e chegava estalando pelo microfone, como Joshua se virou para o pesquisador e disse: “Isto não está certo” e o maldito pesquisador:

– O maldito pesquisador! – diz Joshua, algumas migalhas de peixe voando da sua boca, suas mãos com manchas da velhice tremendo com a memória disso: – O maldito homem me manda continuar.

– E o senhor? – pergunto, me inclinando para a frente, embora

não tenha certeza em direção a quê. Moralidade? Como se aquilo fosse uma única impressão concreta que se pudesse apreender.

– Eu disse àquele pesquisador: ‘Não!’.

Olho atentamente a boca de Joshua quando ele forma a palavra *não*, a palavra que tenho tanta dificuldade em pronunciar, a língua na paleta rósea, ejeta. *Não*.

– Eu disse – repete Joshua –, eu disse: ‘Eu passei por alguns experimentos antes e isto não está certo.’ Eu estava dando tudo por encerrado, eu estava ouvindo os gritos do aluno e estava suando, e meu coração estava batendo muito rápido e, portanto, parei e anunciei ‘Basta’.

– E por que o senhor fez aquilo? – pergunto. – Quero dizer, o que permitiu que o senhor parasse quando tantos outros não conseguiram?

Quero realmente ouvir sua resposta. Dirigi todas essas milhas para ouvir como um homem torna a si mesmo autônomo. Ouvir como um homem corta os fios que fazem de nossas vidas um puro show de marionetes. Joshua não é uma marionete. Move os próprios músculos.

Joshua limpa a boca com o guardanapo branco engomado. Puxa a ponta do guardanapo, o cisne desmorona e ele limpa os lábios. Olha para o teto, faz uma pausa e então diz:

– Estava preocupado com o MEU coração.

– Com seu coração?

– Estava preocupado – diz Joshua, abaixando a cabeça e olhando para mim – que o experimento estivesse me causando muito estresse e que eu poderia ter um ataque do coração e, também – ele acrescenta, quase um pós-pensamento –, e também não queria machucar um cara.

Concordo inclinando a cabeça. É impossível não perceber que “o cara” veio em segundo, o coração de Joshua em primeiro, mas quem poderia culpá-lo? Mesmo assim, não era essa a resposta que eu estava esperando do meu homem moral. Estava esperando algo revestido com um verniz judaico-cristão, algo de altos princípios

como: “Sempre existiu dentro de mim um profundo imperativo ético para fazer ao meu vizinho o mesmo...”

Não tive essa sorte. Joshua, verifica-se, estava preocupado com seu coração e seu desafio nasceu dessa preocupação, pelo menos em sua tradução retrospectiva. Ele vai em frente e me conta como, depois do experimento, se sentiu tão ultrajado que, no dia seguinte, irrompeu no escritório de Milgram em Yale e encontrou o professor calmamente atrás da mesa, corrigindo provas. Joshua disse: “O que você está fazendo é errado. Errado! Está perturbando pessoas ingênuas. Você não testa as pessoas para procurar problemas médicos. Você poderia ter provocado um ataque do coração em alguém, aquele experimento é muito estressante.”

Joshua lembra de Milgram levantando os olhos e olhando para ele. Milgram pareceu impassível. Ele disse: “Tenho certeza de que não provocaremos ataques de coração em ninguém”, e Joshua disse: “Você quase provocou um em mim”, e então os dois tiveram uma longa conversa. Em essência, Milgram acalmou Joshua e o elogiou por sua atuação desafiadora e, então, antes de ele sair, Milgram disse: “Sr. Chaffin, ficaria grato se o senhor, o senhor sabe, mantivesse isso em segredo.” “Manter o que em segredo?”, disse Joshua.

“O experimento”, respondeu Milgram. “Do que realmente se trata. Ainda estou testando as pessoas e não quero, obviamente, que elas saibam que estamos estudando obediência, e não aprendizado.”

– Bem – diz Joshua para mim –, pensei sobre o assunto por um tempo, isto é, sobre manter em segredo. Pensei que talvez eu devesse ir até a polícia. Porque eu estava realmente muito furioso. Pensei sobre o assunto.

– E o senhor foi – pergunto – até a polícia ou de alguma forma estragou o disfarce de Milgram?

Os olhos de Chaffin tremem por um breve instante. O garçom se aproxima e leva os nossos pratos, e agora, portanto, entre nós existe apenas um espaço branco de toalha de mesa e uma vela numa piscina de parafina.

– Não – Joshua responde.

– Não o quê?

– Não, mantive em segredo a verdadeira natureza dos experimentos. Não contei sobre Milgram.

Acho estranho como ele é tão orgulhoso a ponto de ter desafiado Milgram, quando, em algum outro nível mais amplo, ele obedeceu à exigência mais essencial do pesquisador. Agora, meus olhos tremem, pois é confuso, o centro moral que não consigo descobrir. Encontro, pelo contrário, um homem comum, encantador, contraditório e complexo com manchas da velhice em suas mãos.

Pergunto a Joshua sobre sua vida. As surpresas continuam a aparecer. Não existe absolutamente nada a sugerir que o comportamento desafiador de Joshua no laboratório tenha se transferido de alguma maneira nas suas escolhas fora do laboratório. Um homem de corporação, passou muitos anos trabalhando para a Exxon. Ele chama os ambientalistas de “abraçadores de árvore”. Aos 25 anos, alistou-se nas forças armadas e foi enviado às Filipinas.

– Fui um excelente soldado. Pegamos aqueles japas fdp e os trancafiamos.

– O senhor matou alguém na guerra?

– Era a 2ª Guerra Mundial. Era um tipo de guerra diferente.

– Eu sei – digo. Mas os comentários dos fdp, de enjaular os japas, os abraçadores de árvores, o homem militar e a decisão de manter o disfarce de Milgram simplesmente não combinam com o comportamento oposto de baixa voltagem de que Chaffin parece se orgulhar tanto.

– O senhor matou alguém na guerra? – volto a perguntar e, ao fazê-lo, lembro dos comentários de Elms, que os obedientes quase sempre atiraram nas pessoas durante o serviço militar, que os desafiadores quase nunca.

– Não sei. – Ele se mexe desconfortavelmente.

– O senhor fez alguma coisa na guerra que gostaria de não ter feito?

– Não sei... Eu... garçom! Gostaria de um café. – E, então, vem o café e o *crème brûlée*, que ele come rápido demais, sua boca cheia de açúcar e silêncio.

Telefone para Elms. “Então”, eu digo, “encontrei um sujeito desafiador e acontece que ele fala sobre trancafiar japas fdp e ser um bom soldado e sobre deixar de lado seus próprios valores para manter o disfarce de Milgram”. Elms, cuja voz hoje soa mais cansada do que nunca, diz: “Bem, como as pessoas agem numa situação não é necessariamente como agem em outra.” Converso com alguns outros psicólogos sociais que repetem essa mesma idéia para mim, usando frases como “ausência de coerência transituacional”. Lee Ross diz: “Chaffin simplesmente demonstrou que não é a personalidade que define o comportamento, é a situação.” Mas, francamente, esse comentário não parece nem um pouco elucidativo. Dizer que Chaffin comportou-se desafiadoramente numa situação e obediamente em outra simplesmente porque as pessoas são uma mistura de respostas imprevisíveis é um modelo explicativo extremamente insatisfatório e não vou aceitá-lo. O caso de Chaffin não prova de forma alguma que não existam traços de personalidade associados ao desafio e seu oposto, obediência, mas o que de fato comprova, se é que uma amostra de um algum dia pudesse provar qualquer coisa, é que o modo como um indivíduo age no laboratório não generaliza necessariamente o modo como agirá em situações fora do laboratório, que é uma questão inteiramente diferente.

Essa questão, chamada “validade externa” no campo da psicologia, é mais bem entendida como generalizabilidade, e representa um sério problema para a psicologia laboratorial. Que bem ele faz em demonstrar que os achados não podem ser reproduzidos do lado de fora das paredes brancas limpas de uma sala científica definitivamente pequena? Imagine um cientista descobrindo um novo antibiótico que funciona impressionantemente bem em ratos

machos com um único testículo, em gaiolas superesterilizadas. Tal descoberta carece de validade externa, pois a maioria dos homens tem dois testículos e, via de regra, mantém suas condições de vida menos que estéreis.

As questões da validade externa afligiram os experimentos de Milgram desde o início. As pessoas criticaram que os experimentos, por criarem uma situação destituída de qualquer realismo mundano, ou seja, que em nada lembra os conflitos da vida real do drama humano que ela retrata, são, de fato, irrelevantes ao mundo no qual vivemos. Embora o público geral tenha recebido com fervor os achados, chegando a publicá-los no *New York Times* – “65% no Teste Obedecem Cegamente às Ordens de Infligir Dor” – e incorporá-los num filme da ABC feito para TV chamado *The Tenth Level*, estrelado por William Shatner como um Milgram de cabelos brancos encaracolados e ligeiramente louco, o pequeno círculo da psicologia olhou de viés para o experimento. O estudioso Bernie Mixon afirmou que Milgram não tinha necessariamente estudado obediência, de fato; pelo contrário, tinha estudado confiança, pois os objetos humanos que tinham “ido até o fim” possuíam todos os motivos para acreditar na boa-fé do pesquisador. Alguns outros questionam a hipótese da confiança e dizem que não é confiança o que Milgram estudou. Não, o que ele fez foi criar essa situação inteiramente encenada, que pouco nos diz sobre as vidas definitivamente não encenadas nas quais nos encontramos. Alguns dizem que o experimento de Milgram “nada faz senão iluminar a si mesmo”, o que é uma dura crítica, essencialmente classificando a complexa montagem como uma peça de teatro solipsista que fica olhando em suas próprias máquinas e murmurando, nas palavras de Henderikus Stam, “Não somos espertos?”. Ian Parker, que escreveu sobre os experimentos para a revista *Granta*, finalmente os repudiou, considerando-os uma peça de teatro tragicômico, uma visão que o eminente erudito Edward E. Jones tinha defendido antes quando rejeitou o primeiro artigo de Milgram sobre obediência para a sua revista porque “na verdade, não somos levados a

nenhuma conclusão sobre obediência, mas, pelo contrário, somos exortados a ficar impressionados com o poder da sua situação como um contexto de influência”.

Um dos detratores mais francos de Milgram é Daniel Jonah Goldhagen, ex-professor na Universidade de Harvard e autor do livro *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. Goldhagen tinha sérias dúvidas com a generalizabilidade do experimento específico de obediência de Milgram e o paradigma resultante de obediência como uma explicação de por que ocorrem os genocídios. “O experimento de Milgram cria mais suposições erradas sobre o Holocausto do que quase tudo o mais que já foi publicado”, diz Goldhagen. “Suas teorias de obediência simplesmente não se aplicam. As pessoas desobedecem a autoridades dignas de crédito o tempo todo. O governo norte-americano diz x. Nós fazemos y. Mesmo no mundo médico, em que as pessoas pressupõem motivos benignos por parte de seus médicos, os pacientes ainda deixam o tempo todo de seguir ordens. Além do mais, a situação que Milgram estruturou, em que os objetos humanos não tiveram nenhum tempo para refletir sobre o que estavam fazendo, não é como o mundo real funciona. No mundo real, os oficiais da SS estavam matando durante o dia e indo para casa para suas famílias à noite. No mundo real, as pessoas têm muitas oportunidades para mudar seu curso de comportamento. Quando não o fazem, não é por estarem com medo da autoridade, mas porque optaram por não fazer. Os experimentos de Milgram não ilustram nada sobre esse fator de escolha.”

Bem, isso é algo digno de nota. E muito disso foi difícil para Milgram engolir, por um lado, mas, por outro, foi divertido. Recebeu muita atenção. Estudiosos estavam perplexos com o significado de seu laboratório de coração sombrio e paredes brancas, enquanto Peter Gabriel compunha para Milgram uma canção chamada “We Do What We’re Told” [Fazemos o que nos mandam].

Ninguém porém, sabia dizer exatamente o que significavam os experimentos de Milgram, o que eles mediam ou previam ou quanto significado atribuir aos seus achados. Seria obediência, confiança, compulsão externa ou alguma outra coisa? “Realmente”, diz Lee Ross, “o significado dos experimentos, o que exatamente eles elucidam sobre os seres humanos é profundamente misterioso”.

Enquanto isso, lado a lado com as críticas metodológicas que estavam sendo lançadas, um outro tipo de fervor estava em fermentação. Milgram publicou seus resultados em 1963. Em 1964, Diana Baumrind, uma psicóloga infantil, publicou na principal revista do campo uma severa reprimenda a Milgram em termos éticos: ele tinha enganado seus objetos humanos, deixado de obter consentimento esclarecido e causado traumas. Um colega de Yale fez uma denúncia para a Associação Norte-Americana de Psicologia, e a filiação de Milgram foi suspensa por um ano, enquanto ele era investigado. “Você precisa entender”, diz Lee Ross, “que toda essa coisa ética estava acontecendo nos anos 1960, nos anos 1960”, ele repete, “quando as pessoas estavam atentas a isso. O experimento Tuskegee de negar tratamento para os homens negros sífilíticos tinha acabado de chegar à imprensa, os horríveis experimentos nazistas e o anticientificismo; Milgram foi investigado sob essa luz”.

E ele foi investigado. Mantido sob as luzes laboratoriais brilhantes de seus colegas e reprovado. Ele se contorcia e lutava. Nas festas, as pessoas recuavam quando ficavam sabendo quem ele era. Bruno Bettelheim, exemplo de humanismo, chamou de vil o trabalho de Milgram. Ao chegar a época para uma contratação permanente, foram negados a Milgram os saguões de herá de Yale e Harvard. “Quem o teria?”, pergunta a Sra. Milgram, sua viúva. “Naqueles dias, era necessário ter a aprovação unânime para ser candidato à contratação, e Stanley era muito controverso.”

Stanley, ao que parece, queria as duas coisas: ser inconformista e aceitação; queria chocar o mundo e, então, ser recebido de volta ao seu abraço clemente. Uma universidade após a outra o recusaram. Ele – não seus objetos humanos, não Joshua, mas ele, Stanley

Milgram – começou a ter problemas do coração. O grosso ramo aórtico azul ficou entupido de gordura; os músculos vacilaram. Aos 31 anos de idade, foi contratado pela Faculdade Municipal de Nova York como professor em tempo integral, uma mudança não ruim para um jovem, mas aos 38 anos, já tinha sofrido o primeiro dos cinco infartos do miocárdio, sua mão subindo até sua garganta fechada, uma dor excruciante no ombro, os joelhos se curvando embaixo, ressuscitado, novamente ressuscitado, cada vez a bomba um pouco mais fraca.

O que matou Stanley Milgram foi aquilo que mata todos nós: a própria vida. O desgaste pelo uso contínuo, a opressão do tempo, a inevitável decadência atizada por ovos demais, carne demais e medo e perda. Ele teve muitas perdas: a perda do pai jovem, um homem que era exatamente como ele, era padeiro e toda manhã chegava em casa com duas *challas*, cobertas de tranças e manteiga. Ele perdeu o pai; depois, perdeu o prestígio da contratação pela *Ivy League* e, então, perdeu uma reputação tosca quando foi atacado, e novamente atacado, por suas práticas laboratoriais desumanas. “Foi horrível para Stanley. Simplesmente horrível”, diz a Sra. Milgram. Eu a pressiono para dizer mais, mas ela não diz. Em 1984, quando ele tinha 51 anos de idade, sentiu uma onda de náusea enquanto ouvia a defesa da dissertação de um estudante. “Ele não tinha almoçado naquele dia”, diz a Sra. Milgram, “Tenho certeza disso e ele tinha uma verdadeira feminista como auxiliar de escritório. Ela não daria um copo de água se ele pedisse”, e portanto ele ficou sentado lá, morrendo de sede e com náusea. Seu bom amigo Irwin Katz o acompanhou até em casa pelo metrô e Milgram deve ter sentido como o ritmo constante dos trilhos contrastava com a agitação de seu próprio coração esfomeado. Alexandra Milgram apanhou o marido na estação e o levou de carro direto para o pronto-socorro. Nesse momento, ele ainda estava caminhando. Seu rosto estava pálido e as mãos tremiam. Ele foi diretamente para o posto de enfermagem e disse: “Meu nome é Stanley Milgram e estou tendo meu quinto ataque do coração” e, então, caiu sobre seus joelhos.

“Ele se foi”, a Sra. Milgram me explicou, “levaram-no até outra sala, onde a camisa foi rasgada e ventosas, eletrodos e pasta foram apertados contra seu peito.” *O experimento exige que você continue, continue, continue.* Deram-lhe choques uma vez, duas vezes, quem sabe com que frequência seu corpo se ergueu no ar, se debatendo como um peixe, *choque-choque*, os manguitos cardíacos pretos batendo. Mas ele se foi, e um choque não pôde trazê-lo de volta à existência.

O nome dele *não* é Jacob Plumfield; *não* tem olhos azuis, nem vive numa parte de Boston chamada Planície Jamaica. Não tem 79 anos de idade, mas está próximo disso. Darei a ele uma barba, acho eu, uma juba branco-argêntea e direi, pelo bem da história, que o nome de seu amante é Jim.

Jacob Plumfield falará comigo sob a condição de 100% de anonimato. Ele esteve nos experimentos de Milgram e, ao contrário de Joshua, foi obediente até o fim do painel de choques. Ele diz que as mãos ainda doem por aquilo que fez.

As pessoas questionam o que Milgram criou: uma situação falsa, uma situação antiética. Uma coisa é certa: sua situação criou algumas memórias poderosas, para que tanto Joshua como Jacob falem dela como se fosse ontem, seus olhos em chamas. Se o laboratório não é uma situação real, como muitos críticos de Milgram citaram, então por que ou como ela conseguiu se gravar tão solidamente nas vidas inegavelmente reais desses homens, assumir residência lado a lado com aniversários, nascimentos de crianças, primeiro sexo?

– Estava com 23 anos de idade – diz Jacob. – Fazendo pós-doutorado. – Ele continua e me conta uma história com floreios de Oscar Wilde. Ele estava tendo um caso secreto com um colega de quarto, lutando com uma florescente identidade homossexual. – No colegial e na faculdade, tinha feito de tudo para me ajustar. Tudo! Era o garoto de ouro. Tinha ótimas notas. Tinha uma namorada divina. Mas, durante todo esse tempo, eu continuava olhando para os traseiros dos garotos quando íamos nadar. Não sei por quê.

Finalmente, no seu ano de pós-doutorado, Jacob agiu sob impulso, apaixonando-se e consumando uma relação com seu colega de quarto, que, acabou-se descobrindo, estava apenas experimentando a homossexualidade e logo o deixou por uma garota. Mas Jacob se lembra daquelas noites em que fazia amor, o quarto quente, os sons de beijo em seus peitos encharcados chegando juntos, a excitação insuportável. Então, o parceiro da suíte o abandonou por uma garota e Jacob ficou arrasado.

– Senti-a no meu corpo, a vergonha de ser gay. Por que eu não conseguia gostar de uma garota? – Ele se masturbava compulsivamente, imaginando “coisas horríveis”. E, então, viu o anúncio. Respondeu a ele. – Só Deus sabe por quê – me diz. Ele foi até o laboratório de Milgram três dias depois do rompimento, seus apêndices doendo e machucados, as mãos pegajosas de sêmen, e quando o pesquisador disse: “Não haverá nenhum dano tissular permanente. Por favor, continue...”

– Bem – diz Jacob –, simplesmente continuei. Eu estava tão deprimido que quase não ligava, e estava pensando: ‘Nenhum dano tissular permanente, ele deve estar certo, rezo para que ele esteja certo, não quero nenhum dano tissular permanente, será que *eu* tenho dano tissular permanente?’ – Ele descreve uma cena em que os gritos do aluno fundem-se com sua própria aversão, uma dor conjunta, e ele seguiu, inteiramente sem um centro, tendo jorrado tudo em vergonhas secretas.

– Mais tarde, quando me explicaram o que tinha acontecido, fiquei horrorizado. Realmente muito horrorizado. Eles continuaram a dizer: ‘Você não machucou ninguém, não se preocupe, você não machucou ninguém’, mas é tarde demais para isso. Você nunca pode realmente informar uma pessoa depois de um experimento como aquele. Você deu choques. Você achou que estava realmente dando choques e nada pode tirar de você o conhecimento de como você agiu. Não há como reverter.

Lembro, enquanto falo com Jacob, as palavras de David Karp, professor de sociologia da Faculdade de Boston, que me disse:

“Imagine só o que deve ter sido para aqueles indivíduos ter de viver toda a sua vida sabendo do que eles foram capazes...”

– Então – digo a Jacob –, imagino que você acha que os experimentos foram essencialmente antiéticos, que lhe causaram um mal.

Jacob faz uma pausa. Afaga seu cachorro.

– Não. Realmente não. Se fizeram alguma coisa, foi exatamente o oposto.

Olho para ele.

– Os experimentos me fizeram reavaliar minha vida. Fizeram com que eu confrontasse minha própria obediência e realmente a combatesse. Comecei a ver a homossexualidade escondida dentro do armário, que é apenas uma outra forma de obediência, como uma questão moral. Abri meus olhos. Vi quanto era essencial desenvolver um forte centro moral. Senti minha própria fraqueza moral e fiquei consternado; portanto, fui para a academia de ginástica ética, se é que você entende o que quero dizer.

Assenti. Entendo o que ele quer dizer.

– Abri meus olhos, isso exigiu muita força e fez acumular muita força; e vi quanto eu era pateticamente vulnerável à autoridade e, portanto, fiquei atentamente de olho em mim mesmo e aprendi a enfrentar as expectativas. De um menino de ouro bem comportadinho com um segredo profundo que estava indo direto para a escola de medicina, passei a um ativista gay dando aulas para crianças de zonas urbanas pobres. E dou a Milgram o crédito de galvanizar isto.

Argot, o cachorro, pousa seu nariz úmido no colo de Jacob. Jacob afaga e afaga o focinho. A sala em que estamos tem uma janela para a enseada, um assoalho de bordo, uma cristaleira embutida com um gancho de prata. É uma sala adorável, tranqüila. Eu conseguiria dormir numa sala como esta. Tanta coisa foi acomodada, aquietada, numa sala como esta. É pintada de branco, com cortinas brancas de pano de velas e um maracujazeiro no peitoril da janela. Jacob vive com simplicidade. Aproximando-se do fim da vida, ele tem um dinheiro mínimo economizado, embora seu parceiro de

longa data, Jim, um advogado, tenha mais. Jacob me mostra o primeiro triângulo rosa que usou orgulhosamente.

Para todos os lugares em que você olha neste condomínio, você vê sinais da vida alternativa de Jacob – os prêmios de ensino em zonas urbanas pobres, a resistência ativa a bens materiais. Ele, o obediente, viveu de longe um estilo de vida mais desafiador do que Joshua, o desafiador, que trabalhou como executivo de primeiro escalão para a Exxon e, depois, no exército.

Então, onde ficamos: de novo, as questões de validade, pois se o experimento faz pouco para prever como as escolhas de um homem no laboratório se traduzirão em escolhas fora do laboratório, e se aceitarmos a previsão e a generalizabilidade como duas das principais metas de um experimento científico, não estão então os críticos de Milgram certos?

Douglas Mook, um cientista social, escreveu um artigo chamado “In Defense of External Invalidity” [Em defesa da invalidade externa], no qual questiona toda a noção do uso de generalizabilidade como um indicador do valor de um experimento. “A menos que a finalidade de um pesquisador seja de natureza especificamente aplicada... a representatividade do laboratório em termos de realismo mundano pode ser irrelevante.” Em outras palavras, se você não planeja usar seus resultados no mundo real, então quem se importa se os achados são ou não relevantes para ele? Bem, acho que tudo bem. Mas onde, em termos dos misteriosos experimentos de Milgram, um argumento como o de Mock realmente nos deixa? Uma pessoa, digamos, um crítico, chega a um experimento da mesma maneira que um leitor chega até um romance; existem exigências estéticas semelhantes em termos de estrutura, ritmo, revelação, lição aprendida. Você não pode fechar *Os irmãos Karamazov* e dizer: “Muito interessante, embora eu não tenha a menor idéia do que se tratava”, porque simplesmente você não pode. Uma obra de literatura abre seu caminho até o cânone baseada em grande parte no significado que transmite às nossas vidas. Os experimentos de Milgram estão indiscutivelmente no cânone.

E, ainda assim, ninguém consegue chegar a um consenso sobre o tema – uma história de obediência? Não. Uma história de confiança? Uma peça do teatro tragicômico? Não. Um exemplo de transgressão ética? Não. Que mensagem Milgram nos enviou, em que espécie de garrafa, em que mar?

Talvez a melhor coisa a fazer, então, seja recorrer aos próprios objetos humanos, pois eles são, mais mesmo que Milgram, os portadores das boas ou más notícias dele. E quando você o faz, quando recorre aos indivíduos e pergunta: “Para você, do que se tratava tudo isso?”, começa a ouvir uma história parecida que pode finalmente puxar os fios conflitantes juntos: ele avaliou obediência ou confiança? A situação dele foi real ou falsa? Os objetos humanos dele sabiam que era um logro ou eles foram enganados? Foi o trabalho de um sujeito travesso ou de um cientista? A generalizabilidade importa ou não?

Diz Jacob: “O experimento mudou minha vida porque me fez viver menos de acordo com a autoridade.” Harold Takooshian, um ex-estudante de Milgram e professor da Universidade de Fordham, lembra de uma pasta de cartas sobre a mesa de Milgram: “Era uma grande pasta preta cheia de centenas de cartas dos objetos humanos, e muitas e muitas cartas diziam o quanto os experimentos de obediência lhes tinham ensinado sobre a vida e sobre como vivê-la.” Os indivíduos afirmavam que o experimento tinha feito com que eles repensassem suas relações com autoridade e responsabilidade; um jovem até disse que, em consequência de sua participação nos experimentos de Milgram, ele se tornou um opositor consciente da guerra.

Então, talvez seja com isso que acabamos ficando: um experimento que extrai seu significado não de seus achados quantificáveis, mas de seu poder pedagógico. Os experimentos de obediência de Milgram tiveram o irônico efeito de tornar seus objetos humanos, pelo menos alguns deles, menos obedientes. E isso é bem surpreendente – um experimento tão potente que não descreve nem demonstra, tanto quanto detona, uma espécie de psicologia social

equivalente à bomba atômica, somente que, desta vez, a serviço da criação, e não da destruição, pois como o próprio Milgram disse: “Desses experimentos surge a percepção, e esse pode ser o primeiro passo em direção à mudança.”

Quanto às variáveis de personalidade associadas à obediência e ao desafio, não as consigo situar, para a grande alegria, tenho certeza, dos psicólogos sociais. Ainda assim, acredito que elas estão lá, pois não somos simplesmente as situações em que nos encontramos. Milgram, ele próprio um grande crente no poder da situação, foi em busca dos traços – portanto, o quanto ele era crente? – e escreveu uma frase muitas vezes negligenciada: “Estou certo de que existe uma complexa base de personalidade na obediência e na desobediência. Mas sei que não a encontramos.”

Mas lembro, naquele dia no fim da primavera em Brandeis, quando ouvi falar pela primeira vez dos experimentos de Milgram, como senti um choque de reconhecimento e o imediato conhecimento de que eu poderia fazer tal coisa, insegura que sou. E soube que poderia fazê-la não porque algum estranho conjunto de circunstâncias me tivesse impelido. Não. O ímpeto situa-se dentro de mim, como um pequeno ponto delicado. Não foi externo. Foi interno. Um pequeno ponto delicado. Subindo no painel de choque acima. Com que frequência ouvi, *você* ouviu um insulto racial e não disse nada para manter a paz? Com que frequência eu ou *você* vimos algo errado no trabalho, talvez um colega maltratado, e não fizemos nada para que o próprio emprego permanecesse estável? O pequeno ponto delicado viaja dentro de nós. Certas situações podem fazê-lo brilhar mais forte e, outras, mais fraco, mas a falha moral que está situada no coração de tantas pessoas, bem, lá está ela, no coração, que não pode, depois de ter falhado muitas vezes, receber um choque para voltar à existência. Sinto meu próprio coração, tum-tá, tum-tá, vejo minhas próprias mãos, e gostaria de pensar, agora que me tornei tão íntima do Sr. Milgram, de Joshua, de Jacob e de você, sim, *você* — gostaria de pensar que faria uma dança de uma maneira um pouco diferente quando o meu número

fosse chamado. Olho para as minhas mãos, aqui, neste dia de alto verão, e vejo como as linhas vão para todas as direções, para cima e para baixo, bom e ruim – não existe nenhuma maneira de saber com certeza. Sessenta e cinco por cento fizeram. Trinta e cinco por cento, não. E depois os bons são maus, e os maus são bons. Está tudo misturado. Minhas mãos doem e estão enormes com a possibilidade. Agora, é noite. Minha filha de 2 anos de idade aprendeu uma nova palavra em espanhol. “*Obscura! Obscura!*”, ela continua gritando, o que ela diz significa “mais escuro! mais escuro!”. Ela vem até mim e com minhas mãos, minhas mãos imensamente possíveis, eu a abraço.